

## Negritude e História em *Dionísio esfacelado*

Eduarda Rodrigues Costa \*

*Dionísio esfacelado (Quilombo dos Palmares)* é o texto com o qual Domício Proença Filho marca presença na poesia afro-brasileira. O livro pode ser lido como a epopeia de Palmares, de modo que o herói negro é apresentado no centro da obra, contando os feitos quilombolas e, deste modo, reescrevendo e preenchendo os vazios da história, agora escrita sob a ótica do dominado. A obra empenha-se em relativizar os valores sócio culturais europeus considerados como universais e aponta para a responsabilidade dos escravos no processo de desenvolvimento econômico do Brasil, bem como reconhece sua contribuição para a formação do povo e da cultura brasileira por meio da miscigenação e do processo de trocas culturais.

O título do livro remete para Dionísio, o deus filho de Zeus e da mortal Sêmele, que, quando criança, fora dilacerado e devorado pelos Titãs, restando somente seu coração, com o qual seu pai conseguiu ressuscitá-lo. Assim como Dionísio, o povo vindo de África teve sua vida, seus planos e, de certo modo, sua tradição e cultura, esfaceladas; o deus dilacerado pelos inimigos e o povo negro pela escravidão. Esfacelada também é a história dos escravos e da luta dos quilombos que, através da literatura afro-brasileira, ganham letra e voz.

Um episódio um tanto esquecido em nossa memória social, mas lembrado no texto de Domício Proença, é a Conjuração Baiana, rebelião de caráter republicano de 1798, influenciada pelos ideais da Revolução Francesa. Articulada por soldados, religiosos, intelectuais, pequenos comerciantes e artesãos, destacando-se os alfaiates, daí o fato de o movimento ter ficado conhecido também como Revolta dos Alfaiates. O componente popular foi o aspecto singular da conjuração, direcionando-a para uma proposta mais ampla em relação aos movimentos anteriores; este reivindicou uma república abolicionista e teve como principais líderes os alfaiates João de Deus do Nascimento e Manoel Faustino dos Santos Lira, além dos soldados Lucas Dantas e Luiz Gonzaga das Virgens, todos mulatos. No poema “As teias da bordadura”, percebe-se a relação estabelecida entre o trabalho dos artesãos e a conspiração para o movimento em favor da abolição. No trecho abaixo é feita a alusão a tantas outras rebeliões de fundo antiescravista que eclodiram em toda a colônia:

As agulhas  
percorriam  
abomináveis espaços:  
e as linhas  
cruzadas  
e recruzadas  
do longo mar-oceano  
deixavam rubras  
no pano  
tênue da História  
marcas de vôos  
ousados.  
Restou no chão da Bahia  
à sombra de muitas forcas

retalhos, fios partidos  
e uma flor viva  
de sangue:  
adubo.  
(*Dionísio esfacelado*, p. 91)

A Conjuração Baiana foi delatada, tendo seus principais líderes julgados e condenados à forca. Estes eram pobres e mulatos e foram mutilados em praça pública a fim de afugentar futuras ideias revolucionárias entre as camadas populares. Por outro lado, os componentes do movimento pertencentes à elite foram absolvidos, deixando explícito que o julgamento foi feito a partir de critérios baseados na cor e na posição social. Mesmo não tendo atingido seu objetivo central, tornou-se símbolo de resistência para as revoltas abolicionistas posteriores que, por quase um século adiante, lutaram pela liberdade.

O poema “Arado” trata da resistência à escravidão e à transplantação cultural, bem como aborda o sonho de constituir uma vida como a que tinham no lugar de origem. A expressão “plantar a casa” remete para a preocupação do cativo em preservar os valores e costumes vindos de África, a fim trazê-los para o Brasil como sementes a serem colhidas pelas gerações futuras:

Plantar a casa:  
afagar o sonho  
agudizar a chama  
na Noite  
da senzala.  
Plantar a casa  
na manhã  
do Quilombo.

Dunda-Lá  
Ganga-Zumba!  
(*Dionísio esfacelado*, p. 18)

O Quilombo expressa uma porção da África dentro do Brasil, a liberdade possível. Lá o negro se livra da escravidão do corpo e da alma. A invocação ao plantio liga-se à paixão de Dionísio, cujo dilaceramento simboliza o renascimento vegetal, bem como a fertilidade da natureza. Signo carregado de metafóricidade, o verde é lembrado também em outros poemas e faz analogia com o quilombo, remetendo a uma possibilidade de renovação e de esperança frente à situação do cativo.

Noutra linha, o poema “A letra da Lei”, traz uma crítica acerca da Lei Áurea, questionando seu significado diante da realidade construída pós-abolição:

A ingênua letra  
do trono  
excelsa caligrafia  
muda o espaço do corpo  
e o frágil curso da história  
na superfície das águas  
mas da sombra da senzala  
emerge a luz da favela.  
(*Dionísio esfacelado*, p. 98)

O poeta ironiza o discurso do dominador, que concede oficialmente a liberdade aos cativos, mas não oferece qualquer política de inserção do ex-escravo no mercado de trabalho livre. E coloca a metáfora da favela como signo da exclusão e dos entraves ao exercício da cidadania. A mesma história que encobriu os fatos relativos às lutas e conquistas dos africanos e de seus descendentes não consegue esconder as consequências do regime.

O poema “O carro da morte” representa o navio português que trazia os africanos trancafiados e acorrentados nos porões, submetidos às piores condições de sobrevivência. No trecho a seguir, é possível perceber a construção da imagem do navio negreiro a partir de signos relativos ao Estado português e à Igreja Católica:

As bandeiras  
e o sangue  
das cruzes do Cristo  
alvo manto  
(*Dionísio esfacelado*, p. 44)

O jogo de palavras feito nos versos acima denuncia a forte ligação da Igreja com o Estado no contexto da escravização, época em que muito sangue inocente foi derramado na tentativa de preservar suas crenças. Outro poema que invoca a relação entre estes dois poderes é “Fala ao pé do trono”, que faz a crítica ao etnocentrismo do discurso colonial, pretensamente representante da civilização e da “salvação” dos “bárbaros”:

- Salve D. Manuel  
o Negrinho  
Senhor da Vida e da Morte  
Novo Herodes Venturoso  
salvador das almas  
negras  
(livres pela morte)  
que Deus deixava presas pela carne  
pequena coisa  
à luz da Eternidade!  
Senhor!  
Vosso juízo  
se revela  
no tronco e no chicote  
no ferro das argolas:  
todos aos grilhões  
e ao trabalho  
em nome do Senhor  
digno e justo.  
(*Dionísio esfacelado*, p. 47)

Neste, que é dos momentos de maior contundência presentes na obra, a ironia do poeta cede lugar ao sarcasmo cortante: o rei de Portugal, nomeado como “negreiro”, é ainda vinculado a Herodes, figura bíblica responsável pela condenação de Cristo. A ligação entre a Coroa e a Igreja, visível na ambiguidade do termo

“Senhor” – que ora parece se referir a D. Manuel, ora parece fazer alusão ao Deus católico ou ainda ao senhor de escravos – remete à tríplice aliança entre a religião, a monarquia e os senhores de terras no exercício do poder colonial. E o “juízo” desse Senhor/senhor, pretensamente derivado da razão ocidental e da missão civilizatória do europeu nos trópicos, é reduzido ao mero exercício da violência: torna-se o juízo dos ferros e das correntes; das torturas e trabalhos forçados.

Conforme já se vislumbra no próprio título *Dionísio esfacelado*, o poeta explora o universo mítico – seja o da literatura clássica, seja aquele fundado no imaginário africano –, de modo que todo o livro é permeado por cantos, preces e orações. Isso acentua ainda mais a musicalidade dos poemas pelo emprego de um vocabulário repleto de africanismos. Tais termos podem ser decodificados, para um maior aproveitamento do texto, através do glossário colocado em apêndice aos poemas, que possibilita também compreender melhor o significado dos rituais religiosos africanos. O poema “Prece” é um pedido de orientação aos Ibejes, orixás protetores dos gêmeos, também ligados ao universo infantil:

Bejé o ró!  
Bejé o ró!  
tão pequenino e tão só  
o cafunge desta raça  
que mal nasce já morreu!  
santos gêmeos vossa graça  
adube os campos da gente  
Bejé o ró!  
Bejé o ró!  
não deixai o negro só  
na dura semeadura  
de Adô, cidade do sonho  
cirandei nossas vidas  
nas cubatas dos quilombos!  
(*Dionísio esfacelado*, p. 76)

“Bejé o ró”, a expressão de saudação feita a estes orixás, possui também o sentido de súplica que visa consentimento em mostrar o caminho. Neste caso, o pedido é feito pelos cafunjes, crianças cativas, que desde muito cedo começam a trabalhar nos engenhos. A prece se estende à coletividade escrava empenhada “na dura semeadura/de Adô”, cidade sagrada da nação loruba, vislumbrada nos quilombos. No Brasil, a fusão de elementos da cultura africana e europeia pode ser identificada através da representação dos Ibejes, orixás gêmeos que são sincretizados em Cosme e Damião, santos católicos martirizados.

Já “Xirê” representa a festa dos orixás e também a sequência de toques, cânticos e danças realizadas para a invocação dos mesmos:

E bate e bate e bate  
o atabaque  
e bate e bate e bate  
o atabaque  
Exu!

E bate e bate e bate  
o atabaque  
Ogum!

e bate e bate e bate  
o atabaque  
Odé!  
(*Dionísio esfacelado*, p. 30).

O ritmo do poema é dado pela disposição das palavras nos versos, pela repetição dos termos “bate” e “atabaque” que, além de rimarem, dão uma ideia de dinamismo e movimento.

Em “Testamento”, um dos últimos poemas do livro, é mostrada a forte presença da herança africana na cultura brasileira:

Plantou farofa amarela  
e a cozinha baiana  
feijoada de sobejos  
bobó, xinxim de galinha  
plantou força de trabalho  
e leite branco da negra  
passou de beijos a lábios  
e o gosto da cachaça  
deixou orixás e santos  
mandinga figa despacho  
gerou moreno e mulato  
em cama de lençol branco  
deixou ginga deixou bossa  
trejeitos de malandragem  
e leis de uma nova física  
penduradas nas favelas  
(*Dionísio esfacelado*, p. 114).

A afro descendência se expressa não apenas na força de trabalho, mas nas comidas regionais, na alegria da dança, nos ricos acréscimos das línguas e culturas africanas ao português. Essa herança remete ao processo de construção do Brasil enquanto população marcada pela hibridação étnica e enquanto cadinho de ricas trocas culturais. No entanto, os poemas estão a nos lembrar que não se pode esquecer a crueldade e a desumanidade envolvidas no processo.

Domício Proença Filho, conseguiu em seu livro unir a literatura clássica à afro-brasileira através da remissão ao mito dionisíaco, que pode ser interpretado como a renovação, a esperança do povo negro em todas as épocas. Remete também para o fato de ser um deus estrangeiro, meio deus, meio mortal, assim como o povo afro-descendente, nem só preto, nem só branco; estrangeiro pelo preconceito que o exclui da sociedade. A escolha de tal mito para dar título à obra buscou nos rituais dionisíacos, a dissolução das barreiras sociais e étnicas para que se pudesse refletir sobre uma tomada de consciência que reivindicasse o respeito à diferença.

## Referências

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

\_\_\_\_\_. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Poesia negra brasileira: antologia*. Porto Alegre: AGE: IEL: IGEL, 1992.

BRUNEL, Pierre. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2000.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzy Frayse. *Historia do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Atual, 1996.

PROENÇA FILHO, Domício. *Dionísio esfacelado*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=257>>.

---

\* Graduada em Letras pela UFMG.